

A FOLHA

NOVA IGUAÇU, 4 DE JANEIRO DE 1976

O COLONIALISMO NACIONALIZAVA AS MISSÕES

Sob o título "Reflexão", a Irmã Lourdes Peleve, religiosa negra, moçambicana, preparou um relatório para uma reunião dos padres, religiosos e religiosas negros de Moçambique. Essa reunião situa-se na seqüência de outras, iniciadas já há três anos, e teve a participação da maioria dos sacerdotes, religiosas e religiosos negros de Moçambique.

Damos, abaixo, algumas passagens deste documento.

"Temos ouvido várias vezes apreciações e críticas sobre a nossa maneira de ser e de agir. Os nossos irmãos não-negros chamam-nos misteriosos, acanhados, sem espírito de iniciativa, indiferentes. Alguns de nós — raras exceções — somos chamados de atrevidos, ousados, e outros tantos adjetivos apreciativos e depreciativos, segundo o modo de pensar de quem nos julga. E nós? Que dizemos de nós mesmos? A principal finalidade desta nossa reunião, a meu ver, deve incidir, sobretudo, no esforço que todos e cada um de nós deve fazer por se conhecer séria e profundamente.

Ora bem: a primeira constatação que fazemos de nós mesmos é esta: "Nós somos homens e mulheres cheios de complexos". Certas frases, gestos e atitudes demonstram-no à sobre mesmo quando tentamos disfarçar a realidade com os mitos de "humildade", de "simplicidade" e de "pobreza", de "eu não posso", "sou incapaz", "escolham outro", "ainda não estamos preparados". A isto poderia acrescentar a triste figura que nós fazemos quando dizemos "não saber falar a nossa língua materna"; quando nos envergonhamos dos nossos valores tradicionais: música, costumes, comida, danças, etc.

Posso concluir, sem receio de ser desmentida, que há em nós complexos de inferioridade.

O complexo foi-nos causado pela desvalorização de tudo aquilo que é nosso. Os estrangeiros, sobretudo os estrangeiros portugueses, apresentaram-se sempre diante de nós como os únicos detentores da sabedoria, da cultura, e "de tudo o que era bom". A supremacia da raça tudo justificava e tudo permitia.

A "branco" significava: autoridade, dinheiro, mando. Como seqüência lógica, o "preto" sentia-se com dever e obrigação de ser submisso, respeitador e cumpridor das ordens.

Socialmente, o negro moçambicano viveu sempre na total sujeição e submissão à vontade e ao capricho autoritário do colonizador. Este servia-se de tudo para exercer a sua autoridade e domínio: escola, trabalho, habitação e, até mesmo, a religião. Socialmente, o negro era de "classe inferior", chamado com desdém "indígena", sinônimo do homem sem direitos, mas apenas com deveres e obrigações.

A situação econômica do negro criava-lhe necessariamente uma situação e condição de inferioridade. A miséria quase habitual do homem negro reduzia-o à infima espécie, fazendo dele "joquete" de quem detinha o poderio econômico. Cada um de nós — sacerdotes e religiosos aqui presentes — sabemos perfeitamente o que os nossos pais sofreram e em que ambiente de miséria, de pobreza, fomos criados, não tanto porque os nossos

queridos pais fossem "preguiçosos", ou "bêbados" ou "cheios de vícios" como a linguagem colonialista afirmava, como que para tranquilizar a consciência agitada por tão clamorosa situação de injustiça, mas porque a cor da pele determinava o quantitativo salarial e não a capacidade produtiva nem a competência profissional.

O que se passava na sociedade laica verificava-se no campo religioso. Os nossos missionários — estrangeiros, inclusive os portugueses — ficam demasiadamente ofendidos quando fazemos certos reparos ao seu modo de trabalhar; chamam-nos ingratos, porque nos foram buscar à palhoça e nos ensinaram a dormir na cama e a comer com o garfo.

Com os estrangeiros portugueses: sentíamos mais força de domínio, porque estes mais do que os outros estavam muito influenciados pela política antes do 25 de abril. Junto deles nós nos sentíamos pequenos, quase amesquinçados. Para eles não passávamos de meninos, de impossibilitados; por isso, nunca pensaram em nomear uma Superiora negra. É verdade que há já alguns padres negros nomeados Superiores das Missões mas Deus sabe com que receios eles foram nomeados. Andavam atrás para ver se realmente eram competentes, responsáveis e comprometidos na sua Missão.

O padre negro e a irmã ou o irmão negros ocidentalizados levavam para a Pastoral a mentalidade ocidental e tentavam evangelizar com os modos, a linguagem... toda do Ocidente não se tendo em conta o povo, formado por negros, que exigia uma Pastoral toda especial. O padre negro neste aspecto até chegava a ter modos pouco delicados com os seus irmãos de raça. O padre não tinha culpa, imitava inconscientemente os seus formadores. Por causa disto, o padre negro não era por vezes bem aceito e a Pastoral, a pouco e pouco, ia declinando, e ele, com isto, desanimava sentindo ao vivo a sua incapacidade.

O quadro é talvez demasiado pessimista e dramático. Não estamos para condenar ninguém. Os nossos missionários e formadores eram filhos da Igreja, sim, mas não há dúvida que como portugueses defendiam os interesses da terra deles. É lógico. O que é menos lógico e incompreensível é o fato de nós não lhes imitarmos o exemplo de amor à nossa terra que é Moçambique e não Portugal com todos os seus valores, cultura, mentalidade, isto é: somos moçambicanos na verdadeira acepção da palavra. Antes do 25 de abril poder-nos-íamos desculpar com a situação política colonialista vigente em Moçambique. Devemos confessar sinceramente que nessa altura era necessário ser-se corajoso e lúcido e com certa vocação ao martírio para resistir e reagir contra o processo de *portugalização* que, ao fim e ao cabo, era a ruína daquilo que, por natureza, somos: negros moçambicanos. Estou até convencida que será a partir desta realidade bem vincada em cada um de nós que conseguiremos viver em autenticidade a nossa consagração batismal e a nossa doação ao Senhor e aos irmãos, como sacerdotes e como religiosas.

CATABIS & CATACRESES

CADA MANCHETE MERECE UM VOLUME

1. Catabis & Catacreses não inventam, apresentam. E nessa bacanérria linha de apresentar sem inventar, eis umas tantas manchetes inventadas pelos sábios e doutores da vida cotidiana. Cada manchete merece um volume. Como o papel está caro e as disponibilidades escassas, o bem-amado leitor contente-se com as pílulas concentradas das ditas manchetes. O efeito das pílulas fica ao teu critério, amado leitor.
2. Manchete nº 1 ("O Globo", 18-07-75): "Do céu, Stuttgart e Leonov deram o exemplo à Terra: apertaram as mãos". Emocionante e exemplar.
3. Manchete nº 2 ("O Dia", 17-08-75): "Brasil — o lugar certo para investir". Indubitável e sedutor.

4. Manchete nº 3 ("Jornal do Brasil", 31-08-75): "Rio de Janeiro: educação em estado de calamidade transforma escola em fábrica de marginais". Calamitoso e mais não se diz.
5. Manchete nº 4 ("Manchete", 06-09-75): "A paz está agora ao alcance da mão". Muito alcançável, dependendo só da mão.
6. As manchetes são diversas no tempo e no espaço, leitor mais que amado e idolatrado, mas, selecionadas e atadas em buquê, dão uma de circo ou de sanatório que vou-te contar. Assim mesmo podem ser úteis a quem se dá ao doce trabalho de compreender o incompreensível, entendes? Chau!

SOLENIIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

Desde a infância conhecemos o episódio dos três reis magos. O Evangelho de São Mateus é o único que conta esta cena dos magos, "uns homens que estudavam as estrelas e que vieram do Oriente a Jerusalém e perguntaram: "Onde está o menino que nasceu para ser rei? Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo".

O Evangelho não fala de reis. Foi a fidelidade dos fiéis que promoveu os magos a reis e acrescentou à narração uma série de outros pormenores: os magos seriam três, todos eles reis, vindos da Arábia. Um deles era preto, outro branco e o último amarelo e tinham os nomes de Gaspar, Melchior e Baltasar. Grandes pintores tomaram o episódio dos magos como tema e os representaram, montados em camelos, acompanhados de servos, vestidos de mantos reais, ornados de pedras preciosas.

Mas o que é afinal o episódio dos magos? Uma lenda popular inserida por São Mateus em seu Evangelho para nos ensinar alguma coisa? Ou a descrição fiel ou enfeitada de acontecimentos reais?

Os estudiosos discutem o assunto. Todos eles, porém, estão de acordo sobre um ponto: lenda ou fato real o episódio foi narrado com um objetivo simbólico religioso. Quer dizer, desde o berço obscuro, o destino da criança recém-nascida. Ela veio para a humanidade toda. Todas as raças são chamadas a reconhecer nela o salvador e a se reunir em torno dela como uma só família. A pregação popular viu ainda um sinal nas oferendas dos magos. Deram ouro ao menino, porque ele é rei; incenso, porque ele é Deus; mirra, porque devia morrer na cruz. Os magos são um branco, outro preto, outro amarelo, porque estavam representando todos os povos convidados a reconhecer em Jesus a

realização da grande esperança da humanidade.

Parece que nesta época uma grande expectativa enchia o coração de todos. É o que nos diz o historiador Tácito, no 1º século de nossa era:

"Os homens estavam geralmente persuadidos, à luz da fé de antigos profetas, de que o Oriente ia tomar a vanguarda e dentro em breve se veriam sair da Judéia aqueles que governariam o universo" (Hist. v, 23).

A festa dos reis magos recebeu o nome de epifania. Epifania quer dizer "manifestação". Jesus se manifesta aos pagãos, representados pelos magos. Estes pagãos somos nós que, embora não sendo de sangue judeu, fomos chamados à fé. Mas ainda há muitos homens que não viram a estrela e a eles devemos falar de Jesus e sua mensagem.

4 DE JANEIRO DE 1976 — EPIFANIA DE JESUS CRISTO

1. ACOLHIMENTO

C. — A festa da epifania é uma festa de alegria porque celebramos a manifestação de Jesus Cristo, como luz que veio para alumiar os que estavam nas trevas. A graça e a paz se revelaram para nós em Jesus recém-nascido.

T. — Nossos olhos vêem nele a aparição da misericórdia e da glória de Deus, nosso Pai.

C. — Ele é nossa esperança. Ele veio para a salvação dos oprimidos.

T. — Ele é a luz que ilumina nosso caminho, para que permaneçamos juntos, sem temor.

2. CANTO DE ENTRADA

(Campanha da fraternidade de 1973.
Disco: ed. Paulinas)

Estrilho: *Vai, meu povo / o Senhor te chama / Para viver / como um povo que ama: / Vai, meu povo / Eleva o teu irmão / que precisa / de quem lhe dê a mão.*

1. O amor liberta / o amor constrói. / O egoísmo escraviza e destrói. / A liberdade / É nossa vocação. / Vai, meu povo / Estende a mão ao teu irmão.

3. ATO PENITENCIAL

C. — A busca egoísta do prazer e a agressividade se enraízam em nossas relações, na família e no trabalho.

Os jornais, o rádio, a TV falam, várias vezes ao dia, de violência. Independente das manifestações externas cada um de nós sabe o que é o mau humor, o egoísmo, a mesquinhez, a inveja, a hostilidade.

Tomamos consciência disso? Procuramos saber por que estas coisas acontecem em nós e em nosso meio?

(Silêncio, para revisão de vida).

"Jesus veio para os seus, mas os seus não o quiseram. Ele estava no mundo, mas o mundo não o quis ver". São João escreveu estas palavras a respeito da recusa do povo judeu que não quis reconhe-

cer em Jesus o Messias e Salvador prometido.

T. — Senhor, nós sabemos que não estais longe de nós. Perdão por nossa cegueira. Não vemos ainda como convém o apelo de Deus na voz dos oprimidos e injustiçados de toda sorte. Perdão pelas vezes que nos omitimos, pelas vezes que desprezamos e também oprimimos.

C. — Tende compaixão de nós, Senhor.

T. — Porque somos pecadores.

C. — Manifestai, Senhor, vossa misericórdia.

T. — E dai-nos a vossa salvação.

C. — Deus todo-poderoso, tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

T. — Amém.

4. ORAÇÃO

C. — Ó Deus, que manifestastes vossa misericórdia a todos os povos da terra, quando enviastes ao mundo vosso filho, Jesus Cristo, concedei a todos nós, que o conhecemos pela fé, que vivamos segundo a sua palavra.

T. — Amém.

5. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES

C. — Glória a Deus que nos criou e nos confiou o mundo para completar com nosso trabalho a obra da criação.

T. — Louvemos a Deus! a salvação, a glória e o poder pertencem a ele. Seus julgamentos são verdadeiros e justos.

C. — Glória a Jesus que nos enviou para sermos testemunhos de seu amor e pregadores do Evangelho.

T. — Alegremo-nos porque ele é a luz que se manifestou para nós.

C. — Glória ao Espírito Santo que abre nosso entendimento para compreender a Boa-Nova que nos foi revelada e nos dá coragem de praticá-la.

T. — Ao Deus único, que nos criou, com o Espírito Santo que nos iluminou sejam dados por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, a Glória, a grandeza, o poder e a autoridade, agora e para sempre. Amém.

6. I LEITURA

O profeta Isaías anuncia o Messias, como salvador não só do povo judeu, mas de todos os povos da terra. Do profeta Isaías (60,1-6): «Levanta-te, sê radiosa, eis aí tua luz. a glória do Senhor se levanta sobre ti. Vê, a noite cobre a terra e a escuridão os povos, mas sobre ti levanta-se o Senhor, e sua glória te ilumina. As nações se encaminharão à tua luz, e os reis ao brilho de tua aurora. Levanta os olhos e olha à tua volta: todo mundo se reúne para vir a ti: teus filhos chegam de longe, e tuas filhas transportadas à garupa. Esta visão tornar-te-á radiante, porque para ti afluirão as riquezas do mar e a ti virão os tesouros das nações. Serás invadida por uma multidão de camelos, pelos dromedários de Madian e de Efá; virão todos de Sabá, trazendo ouro e incenso, e publicando os louvores do Senhor». — Palavra do Senhor.

T. — Graças a Deus.

7. II LEITURA

Paulo recorda sua conversão no caminho de Damasco.

Ele compreendeu que o Evangelho devia ser anunciado a todos os povos e não apenas à nação judia.

Da carta aos Efésios (3,2-3a.5-6): «Com certeza já sabem que Deus, em sua graça, me deu este trabalho para o bem de vocês. Deus mostrou seu plano secreto e me fez conhecê-lo. No passado, este segredo não foi mostrado aos homens, mas agora

Deus o revelou pelo seu Espírito aos seus santos apóstolos e profetas. O segredo é este: por meio do Evangelho os não-judeus têm parte com os judeus nas bênçãos de Deus. Eles são membros do mesmo corpo, e participam da promessa que fez por meio de Jesus Cristo. — Palavra do Senhor.

8. CANTO DE MEDITAÇÃO

Estribilho: *A palavra de Deus é a verdade / Sua lei liberdade.*

1. A lei do Senhor é perfeita: / Conforto para a alma; / O testemunho do Senhor é verdadeiro: / Sabedoria dos humildes.
2. Os preceitos do Senhor são justos: / Alegria ao Coração. / O mandamento do Senhor é reto: / esplendor para os olhos.

9. III LEITURA

S. Mateus é o único evangelista que conta o episódio que o povo chama de «os três reis magos». Eles simbolizam os povos não-judeus que aceitaram o Messias.

Do Evangelho de Mateus (2,1-12): «Jesus nasceu na cidade de Belém, na região da Judéia, quando Herodes era rei. Algum tempo depois, uns homens que estudavam as estrelas vieram do Oriente a Jerusalém e perguntaram:

— Onde está o menino que nasceu para ser o rei dos judeus? Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.

Quando o rei Herodes soube disso, ficou muito preocupado. E todo o povo de Jerusalém também ficou. Ele reuniu os chefes dos sacerdotes e os professores da Lei e perguntou onde devia nascer o Cristo. Eles responderam:

— Na cidade de Belém, na região da Judéia. Pois foi isto o que o profeta escreveu:

«Você, Belém, da terra de Judá, de modo nenhum é a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá o líder que guiará o meu povo de Israel».

Então Herodes chamou os visitantes do Oriente para uma reunião secreta e procurou saber deles o tempo exato em que a estrela havia aparecido. Depois os mandou a Belém com a seguinte ordem:

— Vão e procurem informações bem certas sobre o menino. E quando o encontrarem, me avisem, para que eu também vá adorá-lo.

Depois de receberem as ordens do rei, eles foram embora. No caminho viram a estrela — a mesma que tinham visto no Oriente. Ela foi adiante deles e parou sobre o lugar onde estava o menino. Eles ficaram mui-

to felizes e contentes quando viram a estrela. Entraram na casa e viram o menino com Maria, sua mãe. Ai ajoelharam diante dele e o adoraram. Depois abriram suas caixas e lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra.

E Deus avisou em um sonho os visitantes do Oriente para não voltarem aonde está Herodes. Por isso eles voltaram para sua terra por outro caminho».

10. PROFISSÃO DE FÉ

C. — Creio na palavra de Deus que é o programa de nosso trabalho, na obra de transformação do mundo.

T. — Creio que Deus criou o mundo e pôs nele as possibilidades de uma vida digna para todos os homens.

C. — Creio em Jesus Cristo que nos ensinou a necessidade de nos reunirmos em uma só família para dar testemunho do amor fraterno como fundamento de um mundo novo.

T. — Creio no Espírito Santo que anima a Igreja universal e também nossa diocese e nossa comunidade local, que nos chama da dispersão e do isolamento para sermos um só povo de Deus. Creio na fraternidade universal e na possibilidade de todos os homens viverem na justiça e na paz. Amém.

11. PRECES DA COMUNIDADE

C. — Todos os povos da terra não de adorar a Deus. Ele ouve o clamor dos oprimidos e atrai a todos para o caminho da verdade que se manifestou em Jesus Cristo.

1. Para que a paz que é dom de Deus seja também o fruto de nosso trabalho, rezemos ao Senhor.

2. Para que Jesus Cristo, luz que veio iluminar o mundo, guie nossos passos no caminho da paz, rezemos ao Senhor.

3. Para que todos os homens que procuram a verdade possam um dia reconhecer a glória de Deus e chegar à fé, rezemos ao Senhor.

4. Para que o espírito missionário que levou São Paulo pelos caminhos do mundo seja para nós um exemplo a imitar, rezemos ao Senhor.

C. — Senhor, reuni em vossa Igreja todos os que foram feitos irmãos pelo mesmo batismo. Abri nossos corações à vossa luz para que com alegria vivamos segundo o Evangelho e anunciemos a paz e a libertação. Amém.

12. CANTO DO OFERTÓRIO

Estribilho: *Senhor, tudo vos pertence, / Senhor, tudo vos pertence.*

1. O brilho do sol, o azul do firmamento / As ondas do mar crespado pelo vento. / De todos estes bens, / Escolhemos o pão / Escolhemos o vinho para o sacrifício.

2. As uvas que o sol irisa nos outeiros, / Os campos em flor, o trigo nos celeiros / De todos estes bens / Escolhemos o pão / Escolhemos o vinho para o sacrifício.

3. O nobre labor dos práticos obreiros, / O ilustre saber dos doutos engenheiros. / De todos estes bens / Escolhemos o pão / Escolhemos o vinho para o sacrifício.

4. A mente sutil dos sábios e artistas / As mágicas mãos do médico e dentista / De todos estes bens / Escolhemos o pão / Escolhemos o vinho para o sacrifício.

5. O nosso querer submisso à vossa graça, / O nosso amor que vossa Lei abraça. / De todos estes bens / Escolhemos o pão / Escolhemos o vinho para o sacrifício.

13. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Senhor, nós vos ofertamos o trabalho de todos aqueles que servem o próximo, instruem os ignorantes, amparam os necessitados, consolam os que sofrem, participam na luta contra o que oprime os homens. Unimos nossa oferta à adoração de Jesus Cristo neste sacrifício da missa. — Amém.

14. CANTO DA COMUNHÃO

(Campanha da fraternidade de 1973)

1. Nós queremos ser teu povo / Senhor, Senhor / E queremos ser de novo / Testemunhas do amor.

Estribilho: *O amor liberta / o coração da gente / E faz o mundo / caminhar alegremente.*

2. Nós queremos ser a ponte / Senhor, Senhor, Senhor / Que conduz ao horizonte / Onde reina o teu amor.

3. Nós queremos caridade / Senhor, Senhor, Senhor / Que nos traz fraternidade / E é sinal do teu amor.

4. Nós queremos unidade / Senhor, Senhor, Senhor / Que nos firma na verdade / E é sinal de teu favor.

5. Nós queremos noite e dia / Senhor, Senhor, Senhor / Conviver na Eucaristia / Que nos une por amor.

15. AÇÃO DE GRAÇAS

Senhor, nosso Deus, que nos conduziu a Jesus Cristo, assim como a estrela conduziu os reis magos a Belém, nós vos rendemos graças por tudo que nos destes por vosso filho querido, que veio para ser para nós «caminho, verdade e vida». — Amém.

16. CANTO DE AÇÃO DE GRAÇAS

(Disco Feliz Natal, das Irmãs de Belém)

1. Vem, vem, vem, vem / Vem para Belém / A estrela está brilhando / E o menino está chamando.

2. Já vou, já vou / No caminho estou / Quando o sol raiar / Eu espero lá chegar.

3. Vale a pena esta viagem / Todo o risco e perigo / E na falta de estalagem / Teu coração é meu abrigo.

4. Vale a pena esta viagem / Todo o risco e perigo / Com um pouco de coragem / Acharás o teu Amigo.

LEITURAS PARA A SEMANA

Segunda-feira: Hbr 5,1-10; 1Sam 15,16-23; Evangelho: Mc 2,18-22 / Terça-feira: Hbr 6,10-20; 1Sam 16,1-13; Evangelho: Mc 2, 23-28 / Quarta-feira: Hbr 7,1-3.15-17; 1Sam 17,32-33.37.40-51; Evangelho: Mc 3, 1-6 / Quinta-feira: Hbr 7,25;8,6; 1Sam 18,6-9.19,1-7; Evangelho: Mc 3,7-12 / Sexta-feira: Hbr 8,6-13; 1Sam 24,3-21; Evangelho: Mc 3,13-19 / Sábado: Hbr 9,2-3. 11-14; 2Sam 1,1-4.19.23-27; Evangelho: Mc 3,20-21.

IMAGEM ADUTIVA

1. Pouco importa quando e quem. Onde, também nada importa. Apenas importa que os dois magnos doutores determinaram o tema altamente válido para a sorte da humanidade sofredora, tema altamente filosófico, teológico, ecológico, filológico, cosmológico, ontológico, etc., etc., etc. E deram-se ao trabalho afanoso, ingrato, beneditino de provar que o outro estava errado e eu, certo. Eu absolutamente certo, o outro absolutamente errado. E começam a faina adutiva de mil argumentos pró ou contra.

2. Terçam armas da mais sutil sutileza. Recorrem à razão e por argumentos altamente filosóficos mostram que estão reciprocamente certos e errados. Recorrem à teologia e, por a mais hê, demonstram que Deus está ao seu lado e na defesa de sua verdade. Recorrem à história, pois toda história sem qualquer sombra de dúvida defende as verdades de um contra o outro e do outro contra o um. Recorrem à psicologia. Recorrem à economia. Recorrem à astronomia ou astrologia. Tudo provado, confirmado.

3. Tudo infalível, tudo absoluto. Deuses astronautas que desceram para aduzir as suas verdades de caniços pensantes, mais caniços, muito mais caniços do que pensantes, verdades? sim, verdades de mentiras mal disfarçadas, sim verdades de sofismas açucarados, sim verdades ocas e vazias, sim verdades projetadas de fraquezas orgulhosas, sim verdades fúteis e voláteis, verdades volúveis e giráveis. Doutores, eis o grande equívoco: Vossas Excelências se julgam os donos da verdade! (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

MINISTÉRIO DA PALAVRA

Participação na força da fé

Sentido da palavra: estamos nas mãos de Deus — Nossa participação de cristãos — Integração na realidade — Divina Providência: o certo e o errado — Exemplos — Pobreza, miséria: vontade de Deus? — A Baixada Fluminense.

A FOLHA:

Dizer como o senhor disse anteriormente que nós estamos nas mãos de Deus não apóia e confirma a frase marxista de que a religião é ópio para o povo? não aliena o homem das realidades concretas?

D. ADRIANO:

Acho que não. Dizer que eu estou nas mãos de Deus significa à luz da fé aceitar que Deus me ama; que eu no cosmos e na história ocupo um lugar próprio e insubstituível; que a minha angústia existencial — de onde? para onde? qual o sentido da vida? — encontra uma resposta; que para lá de todas as contingências de tempo e de lugar existe um definitivo e absoluto.

Porque estamos nas mãos de Deus é que assumimos com mais decisão e com mais consciência a nossa responsabilidade de participar na ordem temporal. Quanto mais nos convenceremos dessa presença concreta de Deus em nossa vida, mais nos dedicamos ao serviço dos irmãos e da comunidade.

Em vez de alienar, a fé nos integra na realidade da história e da natureza, da pessoa e da comunidade e nos faz participar com intensidade na criação de uma ordem social mais justa e mais válida.

Há cristãos fatalistas, sem dúvida. Falam da Divina Providência não no sentido puro da fé mas como um alibi de sua insensibilidade, de sua covardia, de seu egoísmo, de seus mitos. Na boca de Hitler era frequente a menção da Divina Providência, sempre no sentido de uma aprovação de sua política totalitária: a Providência permitiu que os exércitos alemães ganhassem as batalhas, que a frota afundasse navios inimigos, que durante o conflito morresse o presidente Roosevelt, etc., etc.

Mas não é só Hitler que abusou e deformou o conceito de Divina Providência.

Nas camadas populares como nas altas rodas a Providência e Deus são factotum, pretextos, explicações fáceis para toda espécie de comportamento ou de plano. A frase "se Deus quiser" ou a outra "é a vontade de Deus" podem ser ditas no seu sentido profundo, assim como Nossa Senhora empregou "Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra", ou quando Jesus Cristo, no horto das oliveiras, exclamou: "Pai, se possível, deixa passar este cálice; mas não se faça a minha vontade, senão a tua". Muitos cristãos sabem, em todas as situações da vida, levantar-se até esta confiança má-

xima. E sabem que não são enganados. Sabem que assim se encontram e chegam à realização de si mesmos.

Mas "se Deus quiser", "seja feita a vontade de Deus" pode ser disfarce de alienação e de fatalismo. O sujeito preguiçoso, duro de coração, covarde ou também ignorante da verdadeira Providência, atribui a Deus o que não passa de suas misérias.

Um exemplo: a diferença entre riqueza gritante de um lado e miséria gritante do outro seria vontade de Deus. E quem afirma essa monstruosidade chega até a buscar argumento naquela tão incompreendida palavra de Jesus Cristo: "Pobres vocês terão sempre com vocês" (Mt 26,11).

Na melhor compreensão do evangelho nós diremos que o fato da pobreza ou da miséria não tem nada que ver com a vontade de Deus e sim com a desordem pecaminosa de uma sociedade que não tem ou perdeu a sensibilidade para com o sofrimento do próximo ou que só cuida dos seus interesses mesquinhos e egoístas. A pobreza, a miséria são um desafio tremendo à nossa consciência cristã. E só podemos ter certeza de cumprir a vontade de Deus, se corajosamente nos engajarmos nesta luta em favor dos deserdados e marginalizados, e também se combatermos com as armas da fé contra todas as falsas interpretações do que é vontade de Deus e Divina Providência.

Numa área metropolitana, como é a Baixada Fluminense, se concentram os mais diversos tipos de monstruosidades sociais. Quase todas as camadas da população vivem sujeitas a um regime de exploração escandaloso. Será que não se pode fazer nada? Será que tudo isto é fatal? Na força da fé e do evangelho os cristãos engajados e conscientes respondem que nada disto é fatal e que muita coisa pode ser feita. Se quisermos.

A FOLHA

Ano 4 - 04 de janeiro de 1976
Nº 189

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.